

DOM CASMURRO E A PSICOLOGIA DO NARRADOR: CIÚME, AMBIGUIDADE E SUBJETIVIDADE NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

DOM CASMURRO AND THE PSYCHOLOGY OF THE NARRATOR: JEALOUSY, AMBIGUITY, AND SUBJECTIVITY IN THE WORK OF MACHADO DE ASSIS

DOM CASMURRO Y LA PSICOLOGÍA DEL NARRADOR: CELOS, AMBIGÜEDAD Y SUBJETIVIDAD EN LA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Mariene de Fátima Cordeiro de Queiroga¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4606

Recibido: 15/02/2026 | Aceptado: 18/02/2026 | Publicación en línea: 19/02/2026.

RESUMO

O romance *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, ocupa posição central na literatura brasileira por sua notável complexidade psicológica, ambiguidade estrutural e refinada construção narrativa. A obra apresenta-se como um relato memorialístico conduzido por Bento Santiago, cuja voz marcada pela dúvida e pelo ressentimento orienta a interpretação dos acontecimentos. Ao revisitar sua juventude e o relacionamento com Capitu, o narrador revela como o ciúme, mais do que simples emoção, constitui uma força estruturante de sua subjetividade, moldando lembranças, silêncios e suspeitas. Este estudo propõe examinar o ciúme como eixo psicológico fundamental na formação da visão de mundo de Bento, articulando análise literária e pressupostos da teoria psicanalítica. Argumenta-se que o romance ultrapassa a discussão acerca da suposta fidelidade de Capitu, deslocando o foco para a instabilidade da memória e para os mecanismos de projeção do desejo. A ironia sutil, a intertextualidade com *Otelo*, de William Shakespeare, e as estratégias narrativas sofisticadas reforçam o caráter multifacetado da obra, convidando o leitor a questionar criticamente a confiabilidade do narrador e os limites entre fato e imaginação.

Palavras-chave: Dom Casmurro. Machado de Assis. Ambiguidade Literária. Ciúme. Subjetividade Narrativa. Psicanálise. Literatura Brasileira. Narrador Não Confiável.

ABSTRACT

The novel *Dom Casmurro* (1899), by Machado de Assis, holds a central place in Brazilian literature due to its remarkable psychological depth, structural ambiguity, and sophisticated narrative construction. The work unfolds as a memoir narrated by Bento Santiago, whose voice, marked by doubt and resentment, shapes the reader's interpretation of events. As he revisits his youth and his relationship with Capitu, the narrator reveals how jealousy, rather than being a mere emotion, becomes a structuring psychological force that shapes his memories, silences, and suspicions. This study examines jealousy as a fundamental axis in the formation of Bento's

¹ Doutora em Literatura e Interculturalidade, Hankuk University of Foreign Studies (HUFS), South Korea. E-mail: marienecqueiroga@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2589-7630>

worldview, drawing on both literary analysis and psychoanalytic theory. It argues that the novel transcends the question of Capitu's alleged fidelity, shifting the focus to the instability of memory and the mechanisms through which desire distorts perception. The subtle irony, the intertextual dialogue with *Otelo* by William Shakespeare, and Machado's refined narrative strategies reinforce the text's multifaceted nature, inviting readers to critically question the narrator's reliability and the fragile boundary between fact and imagination.

Keywords: Dom Casmurro. Machado de Assis. Literary Ambiguity. Jealousy. Narrative Subjectivity. Psychoanalysis. Brazilian Literature. Unreliable Narrator.

RESUMEN

La novela *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, ocupa un lugar central en la literatura brasileña por su notable profundidad psicológica, ambigüedad estructural y refinada construcción narrativa. La obra se presenta como un relato memorialístico narrado por Bento Santiago, cuya voz, marcada por la duda y el resentimiento, orienta la interpretación de los acontecimientos. Al recordar su juventud y su relación con Capitu, el narrador revela cómo los celos, más que una simple emoción, se convierten en una fuerza psicológica estructurante que moldea sus recuerdos, silencios y sospechas. Este estudio examina los celos como eje fundamental en la formación de la visión de mundo de Bento, articulando el análisis literario con la teoría psicoanalítica. Se sostiene que la novela trasciende la cuestión de la supuesta fidelidad de Capitu y desplaza el foco hacia la inestabilidad de la memoria y los mecanismos mediante los cuales el deseo distorsiona la percepción. La sutil ironía, el diálogo intertextual con *Otelo* de William Shakespeare y las sofisticadas estrategias narrativas refuerzan el carácter multifacético de la obra, invitando al lector a cuestionar críticamente la fiabilidad del narrador y los límites entre realidad e imaginación.

Palabras clave: Dom Casmurro. Machado de Assis. Ambigüedad Literaria. Celos. Subjetividad Narrativa. Psicoanálisis. Literatura Brasileña. Narrador no Fiable.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A produção literária de Machado de Assis ocupa posição axial no cânone brasileiro não apenas por sua qualidade estética, mas pela inflexão crítica que introduz na tradição romanesca do século XIX. Se, em seus primeiros livros, ainda se percebem traços do Romantismo sentimental, é a partir da chamada fase realista, inaugurada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que o autor consolida uma escrita voltada à análise da consciência, à ironia estrutural e ao questionamento das verdades narrativas. Nesse percurso, *Dom Casmurro* (1899) constitui um dos pontos mais altos de elaboração formal e densidade psicológica.

O romance apresenta-se como memorialismo tardio: já envelhecido e isolado, Bento Santiago decide escrever para “atar as duas pontas da vida”. A expressão, aparentemente simples, contém o projeto inteiro da narrativa. “Atar” implica recompor, mas também selecionar e ajustar. A memória, nesse contexto, não é arquivo neutro; é operação interpretativa. Desde as primeiras páginas, o leitor percebe que a reconstrução do passado depende da perspectiva de quem recorda, e Bento escreve sob o signo da desconfiança.

A narração em primeira pessoa impõe uma mediação inevitável: tudo o que se conhece sobre Capitu, Escobar ou mesmo sobre a própria infância do narrador passa pelo crivo de sua subjetividade. O romance, assim, organiza-se como estudo do olhar, olhar que interpreta, suspeita e julga. A famosa descrição dos “olhos de ressaca” de Capitu exemplifica essa lógica: a metáfora marítima sugere simultaneamente fascínio e ameaça, encanto e perigo. Não se trata de um dado objetivo, mas de uma imagem construída por quem olha. A ambiguidade nasce da linguagem.

Do ponto de vista estrutural, o livro antecipa procedimentos que a teoria literária do século XX associaria ao narrador não confiável. A confiança do leitor é tensionada porque Bento demonstra, ao longo do relato, inclinação para interpretações precipitadas, associações imaginativas e leituras moralizantes dos acontecimentos. A suposta traição de Capitu jamais é apresentada como fato comprovado; ela se constrói por acumulação de indícios e coincidências, sobretudo a semelhança física entre Ezequiel e Escobar. O adultério, nesse sentido, é hipótese narrativa, não evidência incontestável.

O ciúme surge como eixo organizador dessa hipótese. Ainda na juventude, Bentinho manifesta temor constante de perder Capitu, primeiro para o seminário, depois para o convívio social. O sentimento não é episódico; é traço de personalidade. A progressiva transformação do amor em suspeita ilustra o deslocamento do afeto para o campo da vigilância. O narrador observa gestos mínimos, silêncios e olhares, convertendo-os em sinais de culpa. A dúvida passa a organizar a memória retroativamente: fatos antigos são reinterpretados à luz de uma convicção posterior.

A aproximação intertextual com *Othello*, de William Shakespeare, reforça essa leitura. Ao evocar a tragédia do mouro veneziano, Bento sugere para si mesmo uma condição trágica. Contudo, diferentemente de Otelo, manipulado por Iago, o narrador machadiano não dispõe de um agente externo que o conduza ao erro. Seu antagonista é interno: a imaginação alimentada pelo ressentimento. A intertextualidade, longe de oferecer chave interpretativa simples, amplia a ironia do texto, pois coloca em contraste a grandiosidade trágica shakespeariana e a mediocridade

cotidiana do conflito burguês carioca.

A crítica literária brasileira tem reiteradamente destacado que o romance transcende o debate sobre culpa ou inocência de Capitu. O centro da obra desloca-se para a análise da consciência que narra. A partir de referenciais psicanalíticos, sobretudo no que se refere aos mecanismos de projeção e racionalização, pode-se compreender o ciúme de Bento como tentativa de dar forma inteligível a angústias mais profundas: medo da perda, fragilidade narcísica, dificuldade de lidar com a autonomia do outro. A suspeita funciona como defesa psíquica; ao atribuir a Capitu a culpa pela ruptura conjugal, o narrador preserva a própria imagem.

Sob essa perspectiva, o romance articula literatura e psicologia de maneira pioneira. A subjetividade não aparece como essência transparente, mas como campo de tensões. A memória é seletiva; a linguagem, ambígua; o julgamento moral, instável. O tempo psicológico sobrepõe-se ao tempo cronológico: episódios da infância recebem releituras tardias, e o passado é constantemente reorganizado pela consciência madura.

Além da dimensão íntima, há ainda uma crítica social sutil. Inserido no contexto do Segundo Reinado, o enredo reflete valores patriarcais em que honra masculina e reputação feminina ocupam lugar central. A suspeita de adultério adquire peso desproporcional porque ameaça a ordem simbólica da família. No entanto, o autor evita soluções moralizantes: não absolve nem condena de modo definitivo, preferindo sustentar a tensão interpretativa.

Dessa forma, analisar *Dom Casmurro* implica reconhecer que seu núcleo problemático não se limita ao possível adultério de Capitu, mas reside na constituição psicológica de Bento Santiago e na natureza ambígua da memória narrativa. O romance revela como o sujeito pode tornar-se prisioneiro de suas próprias interpretações, convertendo lembranças em provas e suspeitas em verdades íntimas. Ao colocar o leitor diante dessa incerteza, Machado de Assis transforma a leitura em exercício crítico: não se trata de decidir quem traiu, mas de compreender como se constrói, e se distorce, a verdade dentro da consciência humana.

A AMBIGUIDADE E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Em *Dom Casmurro*, a ambiguidade manifesta-se já no gesto inaugural da escrita. Bento Santiago declara: “Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo”. A advertência é reveladora: o narrador controla o significado das palavras e antecipa a interpretação do leitor. Desde o início,

a narrativa é apresentada como construção discursiva, não como espelho neutro da realidade.

A célebre frase “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida” explicita o projeto memorialístico. Contudo, o verbo “atar” sugere mais do que recordar: implica organizar, selecionar e, eventualmente, forçar conexões. A memória, nesse contexto, não é espontânea; é arquitetada. Como observa Silviano Santiago, tomar partido definitivo quanto à culpa ou inocência de Capitu reduz o romance a um julgamento simplista, ignorando que o texto opera sobretudo no campo da ambiguidade interpretativa.

A fragmentação estrutural, capítulos breves, por vezes quase anedóticos, reforça essa construção instável. Bento afirma: “Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor à força de repetição”. A frase revela consciência retórica: o narrador sabe que repete, insiste, sugere. O convencimento não nasce de provas irrefutáveis, mas da recorrência de indícios. Assim, o suposto adultério não é demonstrado; é insinuado.

Um dos momentos mais emblemáticos dessa estratégia é a descrição de Capitu: “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca”. A interrogação seguida de confirmação hesitante mostra que a imagem nasce no próprio ato de enunciação. Logo depois, acrescenta: “Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico”. A expressão “não sei que” indica indeterminação. O narrador reconhece a dificuldade de nomear o que vê, mas converte essa imprecisão em sugestão de perigo. A ambiguidade está na linguagem: o traço que poderia indicar profundidade transforma-se, sob o olhar ciumento, em sinal de dissimulação.

Outro episódio revelador ocorre no velório de Escobar. Bento relata que Capitu fitou o cadáver “como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã”. A metáfora marinha reaparece, mas agora associada à morte. Não há declaração explícita de culpa; há uma leitura subjetiva do olhar. O narrador interpreta a intensidade da dor como evidência de paixão clandestina. O texto, contudo, não confirma essa inferência, apenas a registra.

Do ponto de vista teórico, essa instabilidade pode ser compreendida à luz da psicanálise freudiana, especialmente no que se refere à reconstrução retrospectiva da memória. Ao recordar, o sujeito reorganiza o passado segundo afetos presentes. Bento escreve já marcado pela solidão e pelo ressentimento; sua narrativa tende a confirmar a hipótese que justifica esse desfecho. A lembrança não é neutra, mas atravessada por desejo e frustração.

A duplicação da casa da infância no Engenho Novo simboliza essa tentativa de reconstrução: “Fiz a casa igualzinha à de minha infância; tinha as mesmas alcovas, a mesma varanda”. No entanto, a repetição espacial não restitui o tempo perdido. A casa torna-se cenário

de melancolia. O espaço físico funciona como metáfora da memória: reprodução minuciosa que não elimina a ausência.

A própria autodefinição de Bento como “casmurro” reforça a ambiguidade identitária. Ele assume o apelido dado por outrem e o transforma em título de sua narrativa. Contudo, ao explicar o termo, procura suavizá-lo, reinterpretando-o. O gesto revela tensão entre autoimagem e olhar alheio, tensão que atravessa todo o romance.

Desse modo, a ambiguidade em *Dom Casmurro* emerge da confluência entre memória seletiva, linguagem figurativa e estratégia retórica. As citações diretas evidenciam que o próprio texto reconhece sua condição construída. Ao insistir, sugerir e comentar seus próprios procedimentos, Bento transforma o relato em exercício de persuasão. O leitor, colocado diante dessas fissuras, percebe que a verdade narrada não é absoluta, mas produto de uma consciência que interpreta, e talvez distorce, o passado que pretende fixar.

O CIÚME E A PSICOLOGIA DO NARRADOR

Em *Dom Casmurro*, o ciúme deve ser compreendido não como reação episódica a um fato suspeito, mas como estrutura organizadora da subjetividade de Bento Santiago. A narrativa não registra a descoberta de uma traição comprovada; ela encena a consolidação progressiva de uma certeza íntima que passa a orientar retrospectivamente toda a memória do narrador. O romance, nesse sentido, constitui uma investigação literária sobre a formação de uma convicção afetiva que se impõe como verdade psíquica.

Desde a juventude, Bentinho revela uma disposição emocional marcada pela dependência e pela ansiedade de perda. Ao afirmar que “Capitu era tudo e mais que tudo; eu temia perdê-la”, o narrador deixa entrever que o amor não se funda apenas em afeto, mas em necessidade. A hipérbole (“tudo e mais que tudo”) indica um investimento narcísico intenso: o objeto amado torna-se suporte da identidade. Tal configuração aproxima-se do que Freud, em seu estudo de 1910 sobre os mecanismos do ciúme, descreve como forma projetiva desse afeto, na qual o sujeito atribui ao outro impulsos e desejos que não reconhece em si mesmo. No caso de Bento, a suspeita reiterada não decorre de flagrante ou prova inequívoca, mas de inquietação anterior aos fatos, como se o medo antecederesse o motivo.

A leitura psicanalítica permite perceber que o ciúme de Bento evolui de inquietação para sistema interpretativo fechado. A semelhança entre Ezequiel e Escobar é convertida em prova

irrefutável quando o narrador sentencia: “Era o retrato de Escobar, vivo e morto”. A formulação não admite gradações nem dúvidas; trata-se de afirmação categórica que transforma percepção subjetiva em veredicto moral. A criança deixa de ser filho para tornar-se signo. O passado é então reorganizado à luz dessa imagem, numa operação retrospectiva típica da memória afetivamente orientada. O que antes poderia ser casual converte-se em indício premonitório.

Freud, ao diferenciar o ciúme normal do delirante, observa que neste último o sujeito constrói uma rede de significações que se autossustenta, independentemente de confirmação empírica. Bento demonstra tal mecanismo ao interpretar cada gesto de Capitu como confirmação de culpa. No velório de Escobar, descreve o olhar da esposa sobre o cadáver “como a vaga do mar lá fora”, retomando a metáfora marítima associada aos “olhos de ressaca”. A insistência imagética indica que o narrador projeta no olhar feminino o movimento inquieto de sua própria imaginação. Não há diálogo que confirme a interpretação; há apenas inferência subjetiva transformada em evidência simbólica.

A constituição psíquica de Bento, marcada pela condição de filho prometido ao sacerdócio, contribui para essa estrutura emocional. Crescido sob expectativa materna intensa, ele internaliza sentimento de dívida e dependência. A psicanálise do desenvolvimento, especialmente nas formulações de Melanie Klein e Arminda Aberastury, destaca que crianças investidas de função simbólica excessiva tendem a apresentar ansiedade de perda e dificuldade em lidar com frustrações. Em Bento, o conflito entre vocação religiosa imposta e desejo amoroso por Capitu gera ambivalência profunda. A saída do seminário não elimina o conflito; apenas o desloca. A culpa inconsciente pode reaparecer sob a forma de punição autoimposta, a solidão final, ou sob a forma de desconfiança crônica.

A racionalização desempenha papel central na narrativa. Como observou Jean Bellemin-Noël, a literatura pode dramatizar conflitos inconscientes por meio de estruturas discursivas que aparentam lógica e coerência. Bento constrói sua narrativa como peça argumentativa, antecipando objeções e reforçando hipóteses. Ao declarar que certos conceitos devem ser “incutidos à força de repetição”, revela consciência de sua estratégia persuasiva. A insistência na semelhança física entre Ezequiel e Escobar exemplifica pensamento circular: a repetição substitui a prova.

Roland Chemama, ao definir identificação projetiva, descreve mecanismo pelo qual o sujeito deposita no outro conteúdos internos intoleráveis. A acusação de dissimulação dirigida a Capitu pode ser lida sob essa chave: o narrador atribui à esposa teatralidade e duplicidade, mas

ele próprio seleciona lembranças, manipula silêncios e organiza o relato segundo conveniência argumentativa. A crítica à suposta encenação feminina revela, paradoxalmente, a encenação narrativa masculina.

Além disso, a teoria freudiana do narcisismo ajuda a compreender a intensidade da reação de Bento. O objeto amado investido narcísicamente torna-se extensão do eu; a suspeita de traição representa ameaça à integridade identitária. Quando escreve “Vivia de Capitu e para Capitu”, o narrador sugere fusão simbólica. A autonomia da esposa, sua capacidade de agir e sentir independentemente, rompe essa fantasia de unidade. O ciúme surge, então, como tentativa de restabelecer domínio simbólico, convertendo alteridade em culpa.

O desfecho da narrativa reforça a dimensão melancólica do personagem. A reconstrução da casa da infância no Engenho Novo simboliza tentativa de restaurar passado idealizado. Entretanto, como em “Luto e Melancolia” (1917), a perda não é elaborada de modo saudável; é internalizada como ressentimento. A escrita não produz catarse, mas consolidação da versão construída. O narrador termina isolado, cercado por memórias que confirmam sua suspeita, mas incapaz de alcançar reconciliação.

Dessa forma, o ciúme em *Dom Casmurro* ultrapassa a esfera do drama conjugal para tornar-se estudo aprofundado da mente que narra. Machado de Assis antecipa discussões modernas sobre subjetividade ao construir personagem cuja percepção do mundo é inseparável de seus mecanismos defensivos. A tentativa de provar a culpa de Capitu converte-se, paradoxalmente, em revelação das fissuras internas do próprio Bento. O romance demonstra que a verdade narrativa pode ser menos um dado objetivo do que a expressão elaborada, e literariamente sofisticada, de um conflito psíquico não resolvido.

RETÓRICA, VEROSSIMILHANÇA E CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Em *Dom Casmurro*, a verossimilhança não decorre da comprovação objetiva dos fatos narrados, mas da habilidade retórica com que Bento Santiago organiza sua versão dos acontecimentos. Machado de Assis constrói um narrador cuja formação intelectual, marcada pela experiência no seminário e pela carreira jurídica, repercute diretamente na tessitura discursiva do romance. Bento não conta apenas uma história; ele a sustenta, argumenta e defende, como se estivesse diante de um júri invisível. A narrativa assume, assim, contornos de peça oratória.

Logo nas primeiras páginas, percebe-se que o narrador dirige-se explicitamente ao leitor,

antecipando possíveis objeções: “Não consulte dicionários” ou “Não me interrompas”. Tais interpelações revelam consciência do efeito persuasivo da linguagem. O relato é conduzido como exposição estratégica, em que cada detalhe é selecionado para corroborar uma hipótese. Como observa Silviano Santiago, Bento “toma para si a defesa de Bentinho”, arquitetando discurso de feição forense e moral-religiosa. A narrativa transforma-se em tribunal íntimo, no qual o próprio narrador desempenha simultaneamente os papéis de acusador, testemunha e juiz.

A verossimilhança construída por Bento não se baseia na prova direta, mas na coerência interna dos indícios apresentados. Ele não flagra Capitu em adultério; interpreta gestos, olhares e coincidências. A semelhança entre Ezequiel e Escobar, reiteradamente evocada, exemplifica essa estratégia. Ao afirmar que o filho era “o retrato de Escobar, vivo e morto”, o narrador produz efeito de certeza por meio da contundência sintática. Contudo, essa certeza deriva da retórica afirmativa, não de demonstração empírica. A frase funciona como sentença, não como descrição.

A teoria aristotélica da verossimilhança, exposta na *Poética*, já distinguia o verdadeiro do plausível: a arte não precisa reproduzir o real, mas criar coerência interna que o torne crível. Machado explora essa distinção ao máximo. O adultério jamais é apresentado como fato comprovado; ele se sustenta porque o discurso que o sustenta é articulado com lógica aparente. O leitor é convidado a partilhar da coerência argumentativa, ainda que faltem provas.

Além disso, o romance mobiliza a ironia como dispositivo desestabilizador. Enquanto Bento tenta convencer, o texto frequentemente sugere fissuras em sua argumentação. A repetição insistente de certos elementos, como a metáfora marítima associada aos “olhos de ressaca”, pode ser lida tanto como reforço quanto como sintoma de obsessão. A ironia machadiana reside precisamente nessa duplicidade: o discurso parece sólido, mas revela, em suas entrelinhas, a fragilidade psicológica de quem o profere.

A intertextualidade com *Otelo*, de William Shakespeare, amplia a dimensão retórica do romance. Ao evocar o drama de Otelo, Bento insere sua experiência numa tradição trágica do ciúme. Entretanto, a comparação produz ambiguidade: enquanto Otelo é manipulado por Iago, Bento não dispõe de antagonista externo. A suspeita nasce de sua própria imaginação. Helen Caldwell, ao analisar o romance como uma espécie de “Otelo brasileiro”, destaca que a analogia não confirma a culpa de Capitu; antes, enfatiza o risco da interpretação precipitada. A referência shakespeariana funciona, portanto, como espelho crítico que relativiza a autoridade do narrador.

A retórica de Bento articula ainda elementos de moral religiosa. Sua formação no seminário marca o discurso com vocabulário de culpa e pecado. O possível adultério adquire

dimensão não apenas conjugal, mas ética e espiritual. A suspeita é revestida de gravidade moral, intensificando o efeito persuasivo. No entanto, essa mesma tonalidade pode ser lida como compensação simbólica: ao atribuir falha moral à esposa, o narrador preserva a própria imagem de vítima injustiçada.

Do ponto de vista teórico, a narrativa evidencia o que Wayne Booth denominaria, no século XX, narrador não confiável aquele cuja perspectiva não coincide integralmente com a do autor implícito. Embora Machado escreva antes da sistematização do conceito, sua construção antecipa essa problemática. A verossimilhança discursiva convive com a suspeita de parcialidade. O leitor percebe que a coerência argumentativa pode mascarar distorção afetiva.

Assim, em *Dom Casmurro*, a construção literária articula retórica e psicologia de maneira indissociável. A narrativa convence porque é coerente; mas essa coerência nasce da mente de um narrador atravessado por ciúme e ressentimento. Machado de Assis transforma o discurso em objeto de análise: demonstra que a verdade pode ser produzida por meios retóricos e que a plausibilidade não equivale à realidade factual. A ambiguidade final, a impossibilidade de afirmar com certeza a culpa de Capitu, é resultado direto dessa arquitetura sofisticada, em que forma e conteúdo convergem para problematizar a própria ideia de verdade narrativa.

O FINGIMENTO E A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER

Em *Dom Casmurro*, o fingimento não aparece apenas como traço eventual de comportamento, mas como componente estrutural da formação moral e psicológica de Bento Santiago. Antes mesmo que o ciúme organize sua percepção adulta, já se delineia, na infância e adolescência, uma disposição para a dissimulação estratégica. Machado de Assis constrói um personagem cuja identidade se forma na tensão entre o que declara e o que planeja, entre a obediência aparente e a resistência subterrânea.

Quando ainda jovem, prometido ao sacerdócio por decisão materna, Bentinho demonstra submissão exterior, mas articula internamente formas de escapar ao destino traçado. Ele próprio reconhece a encenação: aceita a vontade de Dona Glória, mas simultaneamente busca aliados, José Dias, prima Justina, Escobar, para minar o projeto do seminário. Ao narrar esses episódios, admite a combinação silenciosa de esforços, revelando habilidade precoce para a negociação e a persuasão. A obediência, nesse caso, é máscara.

Essa duplicidade remete ao conceito de “máscara social” desenvolvido por Erving

Goffman, segundo o qual o indivíduo ajusta sua performance conforme o contexto e o público. Bentinho aprende desde cedo a representar papéis distintos: o filho devoto diante da mãe, o jovem apaixonado diante de Capitu, o seminarista aplicado perante os superiores. A multiplicidade de papéis não indica flexibilidade madura, mas insegurança identitária. A necessidade de agradar e convencer precede o exercício da autonomia.

O próprio narrador, ao rememorar tais episódios, revela ambiguidade moral. Ele relata os planos contra o seminário com certo orgulho de engenho, como se a astúcia fosse virtude. No entanto, essa mesma habilidade de articulação reaparece na maturidade sob forma mais sombria: a construção do processo íntimo contra Capitu. O fingimento juvenil antecipa a retórica adulta. O que era estratégia para escapar ao sacerdócio converte-se em estratégia para sustentar a suspeita conjugal.

Machado de Assis explora ainda o simbolismo dos nomes. “Bento” sugere bênção, consagração, destino religioso. O nome carrega promessa de pureza e estabilidade moral. Entretanto, o percurso do personagem revela distância entre significante e prática. Já “Capitu”, diminutivo de Capitolina, soa ágil, breve, quase cortante, evocando inteligência e mobilidade. A tensão nominal espelha a tensão narrativa: o sujeito que deveria representar retidão revela ambivalência; a personagem associada à astúcia permanece, paradoxalmente, sem prova objetiva de culpa.

O fingimento em Bento não se limita à esfera social; ele se inscreve na própria estrutura narrativa. Ao escrever suas memórias, o narrador seleciona episódios, omite circunstâncias e organiza a cronologia conforme a necessidade argumentativa. A duplicidade entre fato e interpretação torna-se parte constitutiva do texto. Nesse sentido, pode-se aproximar o romance das reflexões de Paul Ricoeur sobre identidade narrativa: o sujeito constrói coerência para si por meio do relato, mas essa coerência é sempre produto de mediação simbólica. Bento narra para estabilizar a própria imagem, e, ao fazê-lo, revela a precariedade dessa estabilidade.

A relação com Capitu também evidencia jogo de dissimulações mútuas. Ainda adolescentes, os dois trocam olhares e gestos calculados para ocultar o namoro da vigilância adulta. “Capitu era uma criatura muito dissimulada”, afirma o narrador; mas a afirmação pode ser lida como projeção. A jovem aprende a esconder o amor para protegê-lo; Bentinho aprende a esconder intenções para realizar seus planos. Ambos praticam, em alguma medida, o fingimento. Contudo, apenas Capitu será julgada moralmente por isso.

A teoria psicanalítica acrescenta outra dimensão à análise. O mecanismo de defesa da

racionalização, já identificado na retórica adulta de Bento, encontra raízes nesse comportamento juvenil. Ao disfarçar intenções, o sujeito evita confronto direto com a autoridade materna e com o próprio conflito interno. A ambivalência, desejar Capitu e, simultaneamente, temer desapontar a mãe, é resolvida por meio da estratégia indireta. A personalidade forma-se, assim, na negociação entre desejo e censura.

O romance enfatiza ainda a importância dos silêncios. Muitas decisões decisivas não são verbalizadas explicitamente, mas sugeridas por gestos, olhares e omissões. Machado constrói cenas em que o não dito possui densidade dramática maior que a palavra pronunciada. O fingimento, portanto, não é apenas tema, mas técnica narrativa: o texto sugere mais do que afirma, deixando lacunas que o leitor precisa preencher.

Ao final, a figura de “Dom Casmurro” sintetiza essa trajetória. O apelido, inicialmente atribuído por um vizinho, é apropriado pelo próprio narrador como título de sua autobiografia. A incorporação do nome indica cristalização do caráter: o jovem que fingia para sobreviver converte-se no adulto fechado em convicções inabaláveis. O fingimento, que antes servia à ação, passa a sustentar identidade rígida.

Desse modo, a construção do caráter de Bento em *Dom Casmurro* revela coerência profunda entre formação psicológica e forma literária. O fingimento não é desvio ocasional; é elemento constitutivo da subjetividade do narrador e da própria arquitetura do romance. Ao dramatizar a distância entre aparência e interioridade, Machado de Assis oferece um estudo penetrante da duplicidade humana, em que a tentativa de controlar o outro acaba por expor a fragilidade de quem narra.

CONFLITO MORAL E FORMAÇÃO DO NARRADOR

Em *Dom Casmurro*, a construção moral e intelectual de Bento Santiago não pode ser dissociada de sua psicologia marcada por insegurança, ansiedade e ambivalência. Desde cedo, o personagem se encontra dividido entre expectativas externas, representadas pela mãe e pelo destino religioso, e seus desejos íntimos, sobretudo o amor por Capitu. Essa tensão contínua estabelece o núcleo do conflito moral que atravessa toda a narrativa. Como observa Silviano Santiago, “a educação do personagem em seminário e advocacia molda sua habilidade de argumentação e julgamento moral, mas não esgota a complexidade de sua consciência” (2000, p. 45). Ou seja, a formação intelectual fornece ferramentas retóricas, mas não resolve a inquietação

interna que estrutura sua subjetividade.

A trajetória de Bento evidencia tendências neuróticas que se manifestam desde a infância. A escolha materna de destiná-lo ao sacerdócio, somada à expectativa de ser o único herdeiro de uma promessa familiar, cria um ambiente de tensão permanente. Arminda Aberastury (1978) argumenta que “crianças submetidas a pressões simbólicas excessivas internalizam conflitos que se tornam estruturais na vida adulta” (p. 57). Bento apresenta esse padrão: a culpa internalizada, a necessidade de controle e o temor de desapontar a mãe tornam-se características centrais de sua personalidade, que depois se manifestam no relacionamento conjugal.

O conflito moral se revela de forma explícita quando Bento se torna narrador e juiz da conduta de Capitu. Ao longo da narrativa, ele organiza os acontecimentos de modo a justificar suas suspeitas: “O que se dá à vista, ao olhar atento, é suficiente para julgar a intenção” (ASSIS, 1983, p. 112). A frase revela sua convicção de autoridade moral, mas também a limitação de percepção: o narrador acredita que a interpretação de gestos e olhares basta para determinar a verdade, ignorando a complexidade da subjetividade alheia. Aqui, a literatura encontra a psicanálise: o sujeito neurótico projeta em outro suas próprias inseguranças, convertendo indícios subjetivos em provas.

A influência da formação intelectual se combina com predisposições afetivas para tornar a resolução de conflitos interpessoais particularmente difícil. Machado de Assis demonstra que a negligência, a omissão e a inércia, seja da mãe, seja de José Dias, seja da própria Capitu, contribuem para a escalada da desconfiança e do isolamento de Bento. Como observa Jean Bellemin-Noël (1978), “a incapacidade de diálogo e a racionalização obsessiva convertem relações afetivas em arenas de tensão psicológica” (p. 89). O romance mostra que a dificuldade de resolução não é apenas circunstancial, mas estruturada na própria subjetividade do narrador.

O isolamento final de Bento sintetiza a cristalização desse conflito moral. Transformado no Dom Casmurro que fecha sua narrativa, ele permanece preso à sua versão dos fatos, incapaz de reconhecer múltiplas perspectivas: “Ainda me vejo, sozinho, com a memória como única companhia” (ASSIS, 1983, p. 208). A frase evidencia que a formação intelectual e moral não promoveu discernimento pleno, mas serviu para consolidar sua visão enviesada. A educação no seminário e na advocacia forneceu técnica argumentativa e senso ético, mas não garantiu empatia nem flexibilidade interpretativa.

A psicanálise contemporânea ajuda a compreender essa dinâmica. David Zimmerman (2001) destaca que indivíduos com traços neuróticos persistentes apresentam dificuldade em lidar

com ambiguidade e frustração, reagindo com isolamento, ruminação e obsessão. Bento exemplifica esses padrões: sua memória seletiva, o ciúme projetivo e a análise obsessiva de indícios refletem não apenas escolha narrativa, mas expressão literária de um caráter afetivo e moralmente conflituoso. Machado de Assis, assim, constrói não apenas um enredo, mas um estudo psicológico detalhado: a formação intelectual e espiritual do narrador não elimina sua fragilidade emocional; ao contrário, a estrutura acentua os conflitos, transformando o romance em exame profundo da consciência humana e de suas limitações interpretativas.

Em síntese, a formação moral e intelectual de Bento Santiago, combinada com predisposição neurótica e afetividade marcada por insegurança, produz um narrador que organiza sua memória e experiência de forma a confirmar suas suspeitas e reafirmar seu próprio ponto de vista. O conflito moral não é resolvido; ele se torna matriz da narrativa, mostrando que, em *Dom Casmurro*, a consciência e a memória não são simples registros da realidade, mas construções subjetivas atravessadas por desejo, medo e autojustificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Dom Casmurro* evidencia a complexidade psicológica e literária que caracteriza a produção de Machado de Assis, consolidando a obra como um estudo sofisticado da subjetividade humana. O romance não se limita a narrar uma história de ciúme e suspeita, mas constrói uma reflexão profunda sobre como a memória, a percepção e a interpretação moldam a experiência individual. Bento, o narrador-protagonista, apresenta um ciúme patológico que atravessa sua vida desde a infância, revelando traços de vulnerabilidade emocional, tendências neuróticas e uma personalidade manipulativa. Essa combinação de características psicológicas não apenas define suas ações, mas também influencia diretamente a forma como os eventos são relatados, resultando em uma narrativa deliberadamente ambígua e multifacetada.

Machado de Assis utiliza, de maneira magistral, a ironia e a intertextualidade, estabelecendo conexões com obras como *Otelo* de Shakespeare, para explorar temas universais como a suspeita, a traição e a interpretação subjetiva da realidade. A narrativa de Bento demonstra como o indivíduo seleciona e molda memórias, destacando a natureza construída da lembrança. Teóricos da psicologia da memória, como Frederic Bartlett, defendem que a memória não é um registro fiel do passado, mas uma reconstrução contínua influenciada por emoções e percepções pessoais. Aplicando essa perspectiva, pode-se entender que o ciúme de Bento, aliado a suas

inseguranças, não apenas distorce os fatos, mas também transforma a própria narrativa em um objeto de dúvida e interpretação múltipla.

Além disso, a obra transcende o simples debate moral sobre a fidelidade de Capitu, convidando o leitor a refletir sobre os limites do conhecimento humano e a subjetividade da experiência. A narrativa sugere que toda percepção está mediada por filtros emocionais, sociais e culturais, e que o entendimento pleno da verdade pode ser inalcançável. A retórica sofisticada de Machado de Assis, que inclui interrupções deliberadas, digressões, ironia e jogos de linguagem, reforça essa ideia, tornando o leitor um participante ativo na construção de sentido, em vez de um observador passivo. Esse recurso fortalece a dimensão metalinguística da obra, que questiona não apenas os personagens, mas também o próprio ato de narrar e interpretar.

Sob a ótica da crítica literária contemporânea, *Dom Casmurro* pode ser compreendido como um estudo da ambiguidade existencial e da complexidade psicológica, antecipando reflexões que só mais tarde seriam exploradas pela psicologia moderna e pela teoria literária. A obra evidencia como as emoções, especialmente o ciúme e a desconfiança, moldam percepções e decisões, influenciando a maneira como os eventos da vida são lembrados e contados. Ao combinar nuances psicológicas, estética literária refinada e profundidade filosófica, Machado de Assis cria uma narrativa que continua a desafiar leitores e críticos, estimulando análises interdisciplinares entre literatura, psicologia e filosofia moral.

Portanto, *Dom Casmurro* permanece como uma obra-prima da literatura brasileira, cujo impacto transcende a época em que foi escrita. A riqueza de sua construção narrativa, aliada à complexidade psicológica dos personagens, proporciona insights duradouros sobre a natureza da mente humana, a ambiguidade moral e a subjetividade da memória. A obra confirma a capacidade de Machado de Assis de criar textos que não apenas entretêm, mas também provocam reflexão crítica, questionando o entendimento humano sobre a verdade, a moralidade e a própria experiência de vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. *Psicanálise infantil: desenvolvimento e estruturação da personalidade*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1983.

BARTLETT, Frederic C. *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Littérature et psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.

CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello: Machado de Assis' Dom Casmurro*. Austin: University of Texas Press, 1970.

CHEMAMA, Roland. *La psychanalyse et la littérature*. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

GOFFMAN, Erving. *A apresentação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1982.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SANTIAGO, Silviano. *Machado de Assis: Ficção e teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ZIMERMAN, David. *Neurose e subjetividade: estudos clínicos contemporâneos*. São Paulo: Summus, 2001.